

MUSEU CASA DO SERTÃO: uma disputa intelectual na Feira de Santana modernizada

Jacson Lopes Caldas¹

Resumo: Identificar por quais motivos fora necessária a construção de um “lugar memória” para fixação de *mito fundador* em consonância com o projeto modernizante, baseado na industrialização e no comércio, para a Feira de Santana dos anos 60 e 70, buscar-se-á analisar os discursos em defesa das memórias coletivas de grupos políticos divergentes que construíram suas bases teóricas a partir da atuação de intelectuais representantes destes grupos. Dentro deste contexto, fortaleceu a constituição do patrimônio cultural formado pelo acervo do Museu Casa do Sertão - quando no Brasil as instituições museológicas voltavam seu olhar para a cultura popular – atualmente um dos mais importantes centros para pesquisa com enfoque na história local e regional do estado da Bahia.

Palavras-chaves: Intelectuais; Museu Casa do Sertão; Cultura Popular

“Guardará o museu a vida passada das nossas fazendas, das casas de fazenda, que foram reais solares de prosápia verdadeira”². Assim em meados da década de 60, Eurico Alves Boaventura - EAB reclamava aos vereadores da Feira de Santana modernizada a construção de um *lugar memória* voltado para as origens aristocráticas do seu grupo social, oriunda da civilização do couro, posteriormente, civilização do pastoreio, com notoriedade para a vida sertaneja. Envolvido por suas vaidades e reminiscências mais íntimas e particulares EAB era o porta-voz de uma classe que via seu fausto e poder político esvaecer pelo burburinho das correrias comerciais e pelas chaminés das indústrias oriundas do sul do país. Via-se diante de um propósito: inculcar no poder político municipal o ensejo de construção de um espaço destinado a salvaguarda da história do povo sertanejo, mas representantes da herança portuguesa, através da figura do vaqueiro fidalgo.

Defendendo a imagem do vaqueiro como baluarte do processo de colonização e povoamento das terras fora dos limites do Recôncavo e da Capital Salvador, o Sertão e a sua gente civilizadora e “agonizava” mediante o enfraquecimento da atividade pastoril em favor do desenvolvimento industrial e da consolidação das elites comerciais em Feira de Santana como grupos social e economicamente dominantes. EAB, homem de origem fidalga, assume o papel de projetar e disseminar frente à sociedade feirense,

tomada pela onda industrial e fortalecimento do comércio como atividade regional, a necessidade de preservação de uma memória coletiva baseada na vida solarenga das casas de fazendas de criar gado. O ideal de desenvolvimento urbano era inevitável, porém, como uma atitude de redenção, fazia-se urgente glorificar o passado através da constituição de acervo da cultura material e simbólica calcadas no Museu do Vaqueiro e/ou do Museu do Couro.

Nesse sentido, a afirmação de *Pierre Nora* define o objetivo de EAB diante das mudanças ocorridas no cenário regional da Feira de Santana modernizada:

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem a necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memórias.³

EAB, homem-memória descendente da civilização do pastoreio almejava pela história de sua genealogia sertaneja, “os prolíferos Alves de São Boaventura”⁴, que, para ele, foram esquecidos pela República e através da construção dos já citados museus poderiam os historiadores utilizar de suas habilidades e escrever a verdadeira História do Brasil. A crítica de EAB se fez com o objetivo de reivindicar um espaço na história, que não vos foi dado, ou resguardado. Espaço esse que através do *lugar memória* poderia ser alcançado.

Ainda, segundo *Pierre Nora*, a disputa por um local de memória se dá pelo fato de não mais existir meios de memória, ou mesmo, por esses meios se encontrarem esfacelados pelos avanços tecnológicos e mudanças que imprimem em uma determinada sociedade um apreço pelo novo, provocando o esquecimento ou até mesmo a desvalorização pelo tradicional. Sendo que, a história se constituía enquanto “reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”. Deste modo

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há história espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.⁵

Dialogando assim com o projeto de EAB; o Museu do Vaqueiro e o Museu do Couro consolidariam na Feira de Santana a necessidade de construir lugares de memória que eternizassem os feitos e obras do grupo do qual descendia, numa reverência ao

passado dos fidalgos sertanejos, heranças da *civilização do pastoreio*, verdadeira responsável pelo desenvolvimento da Feira de Santana nos idos das décadas de 60 e 70. Abrindo espaço para a construção discursiva da história através da coleção de artefatos que registravam os feitos do passado no presente, EAB assumia o papel de homem memória registrando, colecionando, apontando, sugerindo o que deveria ser ou não lembrado ou esquecido.

O projeto inicial de EAB transfigurou-se no tempo e no espaço da Feira de Santana. Quando retomado pelo Lions Club, clube de serviços baseado em princípios norte-americano, na década de 70, assume a responsabilidade de construir às suas expensas um espaço destinado a guarda de artefatos da cultura local. Anunciado à sociedade feirense com o título de “Casa do Sertão” ampliava e modificava a ideia original de EAB, conforme lê-se do cordel de Franklin Maxado e João Crispim Ramos:

Aí , criou-se o Museu
Aumentando a sua cultura
Mas não foi como Eurico,
O Alves Boaventura
Pensou para a região
Na sua literatura⁶

Seria um lugar memória que compreenderia cultura sertaneja, mas com forte enfoque para a chamada cultura popular, com destaque para o artesanato visto nas feiras do Nordeste. Assim, através de uma repetida preocupação:

É fato consumado, indiscutível que as populações devem preservar o seu passado e seu presente cultural, tendo em vista que a modernização dos seus hábitos e costumes imposta pela tecnologia sofrerão mudanças radicais.⁷

O passado a ser preservado representava à sua presença no presente, como também a preocupação com a sua representação para as gerações futuras. Os costumes e hábitos dos pelos sertanejos já não mais cabiam no cotidiano da Feira de Santana vigente, modernizada. O novo projeto de *lugar memória* pensado por outros intelectuais que não possuíam ligação com a aristocracia rural, mas nesse momento formados pela cátedra acadêmica, reunidos no Lions Clube. Consolidou-se no campus da Universidade

Estadual de Feira de Santana há 28 de junho de 1978, e fora anunciado nos seguintes versos de cordel:

O Lions Clube de Feira
Tomou a iniciativa
De construir uma casa
Que somente objetiva
A cultura popular
Aqui continuar viva

Esta casa expressiva
Que breve vocês terão
Será o “museu” autêntico
Dessa nossa região
E será denominado
Como casa do Sertão⁸

O *lugar memória* da cultura popular sertaneja compor-se-ia por um acervo, que selecionado, apresentaria objetos de barro, couro, tecido, metal e madeira os quais representavam o cotidiano passado dos habitantes da referida região. Como também serviria como centro de pesquisas para a elaboração de estudos sobre o passado sertanejo, que escolhido e disposto enquanto acervo museológico, bibliográfico e documental possibilitariam leituras e interpretações da passada vida sertaneja constituindo-se então objeto de estudo da história.

O projeto da Casa do Sertão admitiu a sua consolidação enquanto *documento/monumento*, fabricado por uma determinada categoria de intelectuais e representantes da elite feirense que através de relações de poder elegeram a cultura popular sertaneja a ser representada. Construído na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, o espaço representado disputava a memória ao ser concebido dentro de um lugar que representava o desenvolvimento intelectual almejado pela Feira de Santana, estabelecendo-se desta forma a contradição.

A relação entre o Museu Casa do Sertão e Universidade legitima uma hierarquia social, onde o conhecimento erudito assume a responsabilidade de resgatar o popular, tomando para si a responsabilidade de salvaguardar dentro dos muros acadêmicos o que é para “o inglês ver”, como se diz comumente. Num momento que os avanços tecnológicos e comerciais assumem, para muitos, a vanguarda no espaço urbano, no âmbito educacional universitário, encontra-se a dualidade de preservar, mas, principalmente de colocar o conhecimento popular como discurso subalternizado. Quando o Museu é instalado dentro de um ambiente de construção do conhecimento, voltado para as elites evidencia-se a cristalização de uma cultura não coerente para o período, categoriza e classifica como popular a representação de *lugar memória* da cultura sertaneja.

A Casa do Sertão é instalada na sociedade feirense num processo de associações com as mudanças ocorridas na formação e/ou reorganizações de instituições museológicas brasileiras das décadas de 70 e 80. Conforme Letícia Julião nestes espaços buscava-se retratar não mais uma homogeneização da memória de grupos populares, como “negros, indígenas, segmentos populares, vistos até então em uma perspectiva folclorizante”, ao contrário “passaram a ser incorporados pelo discurso e pela prática preservacionista, não apenas como objetos de estudo, mas como produtores de cultura e sujeitos da história.”⁹A autora conclui:

O movimento de renovação dos museus repercutiu no Brasil, nos anos setenta e oitenta, com iniciativas que buscaram revitalizar várias instituições, adequadas aos parâmetros da nova museologia. Em linhas gerais, promoveram-se a reformulação de espaços físicos e de exposições, a adoção de critérios e procedimentos adequados de conservação e segurança dos acervos, e, sobretudo a implantação de serviços educativos, referenciados no princípio da participação do público na construção de relações culturais.¹⁰

Esse movimento de renovação dos museus nacionais repercute em parte com a ideia de instalação da Casa do Sertão, quando a preocupação de seus fundadores com a suas funções, entre as quais se destacam: “constituir-se em um centro de estudo e pesquisa para aqueles que desejam conhecer os traços culturais da região nordestina; preservar a cultura sertaneja mantendo um acervo de objetos mantendo um acervo de objetos usados”¹¹Como também, utilização do espaço para a produção de estudos

acadêmicos apresentando assim função que busca justificar a sua instalação no campus da UEFS.

Portanto, o Museu Casa do Sertão estabeleceu no cenário urbano e regional da Feira de Santana dos anos 60 e 70 a criação de um lugar memória voltado para o popular sertanejo, legitimando práticas culturais pinçadas do passado naquela conjuntura como representantes ideais para o estudo da história local e regional.

¹Jacson Lopes Caldas; Graduando da Universidade Estadual de Feira de Santana. Endereço Eletrônico: jacson_caldas@yahoo.com.br

²BOAVENTURA, Eurico Alves. Museu do Vaqueiro. IN: *A paisagem urbana e o homem – Memórias de Feira de Santana*. 1ªed. Feira de Santana. Editora UEFS. p.135.

³NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História PUC/SP*. Projeto História 10. São Paulo, SP-Brasil, 1993. p.18.

⁴BOAVENTURA, Eurico Alves. Fidalgos e Vaqueiros. 1ªed. Salvador. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989. p. 209.

⁵NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História PUC/SP*. Projeto História 10. São Paulo, SP-Brasil, 1993. p.13.

⁶NORDESTINO, Franklin Maxado e RAMOS, João Crispim. *Feira de Santana tem a sua Casa do Sertão na UEFS*. 2 ed. Museu Casa do Sertão – UEFS. Feira de Santana, 2003. p. 05.

⁷*O que é a Casa do Sertão*. Lions Clube de Feira de Santana, [1977]

⁸NORDESTINO, Franklin Maxado e RAMOS, João Crispim. *Casa do Sertão*. 2 ed. Museu Casa do Sertão – UEFS: Feira de Santana, 2003. p. 11

⁹JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do Museu. In: *Caderno de diretrizes museológicas*, 2006. p. 7.

¹⁰Idem, ibidem. p. 28.

¹¹*O que é a Casa do Sertão*. Lions Clube de Feira de Santana, [1977]